

## **Resumos**

PEIXOTO, Antônio Carlos *et al.* **Terrorismo**: tragédia e razão. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

por **Carolina Souza Barcellos**  
Abin

A obra reúne cinco pequenos textos, de diferentes autores, que discutem o mundo contemporâneo após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center, em Nova Iorque, e ao Pentágono, em Washington. Os autores apontam como objetivo central do livro a contribuição para o debate das razões históricas que levaram aos atentados contra os Estados Unidos da América (EUA) e os enfrentamentos futuros que o novo cenário político mundial delineia. O livro, entretanto, não apresenta uma tese central bem definida, e, em cada capítulo, o tema é abordado sob perspectivas diferentes, mas sem diálogos entre si.

O primeiro capítulo examina o fundamentalismo e a política no Islã. Antônio Carlos Peixoto argumenta que após os atentados ao World Trade Center houve um enrijecimento da política de alianças na arena internacional. Para ele, esse atentado nasceu do choque de valores capitalistas da globalização, tidos como universais pela cultura ocidental. Em contrapartida, os diferentes tipos de fundamentalismos religiosos surgem como principais contestadores da atual ordem mundial.

Para compreender melhor o fundamentalismo islâmico, o autor centra sua análise em alguns fatos ocorridos nos anos 50, creditando estes acontecimentos como prováveis raízes históricas que culminariam nos atentados contra os EUA. Segundo ele, naquela década houve um ponto de virada no mundo árabe e islâmico com a

implementação de projetos de industrialização inovadores por governos laicos. Esses, no entanto, não surtiram os resultados esperados, e isso deu ensejo ao crescimento do fundamentalismo religioso e ao fortalecimento de Estados teocráticos, em que o poder político se encontra fundamentado no poder religioso. Em síntese, para Peixoto, a frustração do projeto de industrialização implementado por governos laicos gerou insatisfação na população, que escolheu a religião como resposta aos seus problemas sociais, impulsionando a volta de Estados religiosos e o crescimento dos movimentos fundamentalistas.

No capítulo seguinte, Carlos Eduardo Martins analisa as perspectivas da hegemonia estadunidense e do sistema mundial para o século XXI. Ele argumenta que o Estado hegemônico tem como papel controlar a competição entre os demais Estados e coordenar regras econômicas, jurídicas, políticas e militares, garantindo o funcionamento da economia mundial capitalista. Segundo o autor, as hegemônias são construídas, têm seu ápice e depois sua crise. Na fase de expansão, o Estado hegemônico detém a liderança internacional da produção, comércio, finanças, ideologia e força bélica; e essa liderança é vista pelos demais como consensual e incontestável. Já na crise do Estado hegemônico, sua liderança é perdida, primeiramente, nos planos produtivo e comercial, e, posteriormente, no financeiro e ideológico.

Martins postula que, desde 1967, os EUA vêm tendo sua hegemonia deteriorada. As esferas produtiva e comercial já não são mais de sua liderança exclusiva, e as esferas financeira e ideológica vêm sofrendo enormes pressões ao longo dos anos. A tese do autor é que no começo do século XXI, mesmo havendo um reaquecimento da economia estadunidense, os fundamentos financeiros e ideológicos da sua hegemonia serão de vez deteriorados. O mundo entrará em uma fase de caos sistêmico. Alguns países buscarão a manutenção da estrutura capitalista vigente; outros, a superação do atual sistema mundial. Será um confronto, não só entre Estados-Nação, mas também entre grupos transnacionais.

Em suma, Martins acredita que a debilidade econômica e hegemônica com que os EUA ingressam na atual fase de expansão da economia mundial favorece o aparecimento de questionadores dessa hegemonia e da estrutura de poder existente no capitalismo atual.

No terceiro capítulo, Fernando Padovani examina o novo equilíbrio de forças na Ásia Central. Para o autor, uma das maiores consequências dos atentados de 11 de setembro é a reorientação da política externa dos Estados Unidos para aquela região, com uma formação mais ampla de alianças diplomáticas estratégicas. Neste sentido, e para facilitar a investida contra o Afeganistão, a diplomacia estadunidense estreitou laços com o Paquistão, dando-lhe posição privilegiada de barganha internacional.

Em contrapartida, concorrentes históricos do Paquistão, como Índia, China e Rússia, também têm sofrido constante assédio dos EUA em sua cruzada contra o terror. A estratégia deste país de se utilizar da fragilidade diplomática da região para atingir seus objetivos pode prejudicar o tênue equilíbrio de forças na Ásia Central, visto que essas alianças podem mudar de configuração. Desse modo, Padovani ressalta que um possível distanciamento estadunidense do Paquistão pode desestabilizar seu frágil governo e o jogo de forças políticas na região, trazendo incertezas para a paz no cenário político internacional.

No capítulo subsequente, Ricardo Vieira Alves tece análises psicossociais sobre os impactos decorrentes dos tentados terroristas ao World Trade Centre. O autor argumenta que os atentados de 11 de setembro desmitificaram a idéia geral de invulnerabilidade estadunidense, e colocaram em xeque o papel dos Estados como mantenedores da segurança e paz contra a barbárie humana. As demonstrações de força dos EUA após os atentados seriam, portanto, uma tentativa de minimizar os efeitos dessa desmitificação, e associar o terrorismo aos talibãs e fundamentalistas islâmicos foi a estratégia utilizada para personificar o inimigo. Alves argumenta que a demonstração de

vulnerabilidade dos EUA criou uma atmosfera de medo e insegurança na população local, o que justificaria a conivência com os abusos do Estado e repressão às liberdades individuais.

Por fim, no último capítulo, Theotônio dos Santos discorre sobre como os EUA têm se estruturado diante desse novo cenário mundial. Ele demonstra que as medidas antiterrorismo, ao alavancar os gastos do governo, injeta dinheiro na economia norte-americana, favorecendo seu reaquecimento. Além disso, essas medidas aumentam a sensação de segurança na população fazendo-a acreditar que o Estado continua mantendo a ordem social sob controle.

Em suma, a obra levanta questionamentos sobre o futuro da arena internacional após os atentados de 11 de setembro de 2001. Postula-se que estamos entrando em um momento de crise da hegemonia estadunidense, o que pode gerar grandes convulsões internacionais e o surgimento de novos atores políticos importantes. De modo geral, o livro afirma que o mundo não será mais o mesmo depois dos atentados aos EUA, pois alguns pilares que sustentavam a estrutura política vigente foram permanentemente afetados.